A *Europa otanizada*

ANTÓNIO JOSÉ AVELÃS NUNES
Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Direito de Coimbra
Doutor Honoris Causa das Universidades Federais de Alagoas, Paraná e Paraíba
Sigillo D'Oro da Università Degli Studi di Foggia
Doutor Honoris Causa da Universidade de Valladolid
Membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas

A *Europa otanizada*

Editora Publius

Editora Publius

Conselho Editorial: Erivaldo Cavalcanti (BRA)
Estefânia Queiroz (BRA)
Leonardo Pasquali (ITA)
Luis Fernando Sgarbossa (BRA)
Raquel Fabiana Lopes Sparemberger (BRA)
Roberto Viciano Pastor (ESP)

Revisão: Do Autor

Projeto Gráfico: Carlos Lopes

AVELÃS NUNES, Antônio José.
N972e A Europa otanizada. / Antônio José Avelãs Nunes. – Recife: Editora Publios, 2024.

186 p.

O autor é Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Direito de Coimbra; Doutor Honoris Causa das Universidades Federais de Alagoas, Paraná e Paraíba, Sigillo D'Oro da Università Degli Studi di Foggia; Doutor Honoris Causa da Universidade de Valladolid Membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas
Contém bibliografia p. 177 – 186 (bibliografia sugestiva)
ISBN 978-65-85007-32-0

1. Europa otanizada. 2. Europa alemã. 3. Constituição europeia. 4. Europa colonial. I. Título.

321.01 CDU (1999)
Fabiana Belo - CRB-4/1463

Printed in Brazil - Impresso no Brasil
Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais é proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer forma ou meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de fotocópias e gravação, sem permissão por escrito do autor.

PREFÁCIO

Dia desses, ao abrir minha caixa de entrada de "mail" lá vi um sob título "texto", enviado por ninguém menos que o Prof. António José Avelãs Nunes. De imediato abri a correspondência eletrônica, como sempre faço com aquelas originárias da "terrinha" pelo mestre e amigo Avelãs Nunes. De um lado, o desejo por notícias do amigo e de D. Maria Helena. De outro, a curiosidade pelo "texto" anunciado no título.

Os "mails" de Avelãs Nunes são sempre motivo de satisfação, desde logo pela qualidade do texto, mas, sobretudo, pela análise lúcida e bem-humorada dos acontecimentos, de lá e de cá. Antes de tudo, porém, são as "notícias do mundo de lá" que me interessam, em particular quanto ao bem-estar dos amigos. A passagem do tempo sempre nos faz apreensivos por notícias acerca da saúde e da felicidade daqueles que nos acompanham pela vida afora.

As primeiras linhas aplacam as expectativas. Sabê-los em boa saúde, aproveitando o verão português nas montanhas de Celorico da Beira – sede de um dos belos encontros do *Grupo Cainã* –, alivia a alma, afinal já passou mais de ano desde que desfrutamos um aprazível final de semana nas terras de Ouro Preto.

As seguintes me deram a notícia, afinal, do que se tratava este "mail" intitulado "texto". No anexo, um conjunto de reflexões reunidas "...para abrir uma nova série de *Cadernos Vértice*... para ser apresentada na FESTA DO AVANTE (*não há festa como esta*!), nos primeiros dias de Setembro", como noticiava Avelãs Nunes.

E mais: "E lembrei-me: será que este texto poderá ter algum interesse no Brasil, como instrumento da luta ideológica, que, como sabemos, é um dos palcos da luta de classes? Eu não sei responder à minha pergunta. Mas você sabe. Se não tiver nada de mais interessante para fazer, dê uma vista de olhos pelo texto e decida. Se achar que vale a pena tentar publicar aí este textinho, fica já com mandato plenipotenciário para encontrar um editor. Com a 'coima' acessória de ter de fazer um prefácio para apresentar o livrinho à sociedade brasileira."

À pergunta inicial, apenas uma única resposta: Sim, claro. E, ainda sequer tinha lido o tal "texto". Mas, conhecendo toda a obra deste grande professor, que sempre ultrapassou o ambiente acadêmico para ocupar o espaço do campo ideológico na sociedade, não havia outra opção. O que se comprovou com a leitura posterior.

A "coima" exigida, ao contrário, transforma-se 'numa' honra a ser cumprida da melhor forma possível, com as limitações deste aluno que, no máximo, pode assegurar a disposição, o compromisso e o carinho de sempre.

O "mandato plenipotenciário" atribuído há de ser cumprido a contento. E a isso me dedico neste momento. Afinal, com "as voltas que o mundo dá..." calhou que, a estas alturas, me seja dada tal tarefa.

Inicio por lembrar que Avelãs Nunes, como o "embaixador do Brasil" na Universidade de Coimbra, recebeu-me, nos idos de 2006/2007, como pós-doutorando do Projeto CAPES-GRICES. A fidalguia do, à época, além de professor da Faculdade de Direito, Vice-Reitor da UC, tornou a chegada e a organização da vida coimbrã uma recepção familiar, a tal ponto que fui viver ao lado da família, em apartamento por ele vislumbrado. Isso fez toda a diferença, afinal, muitas vezes, já pela manhã me aproveitava de sua carona para a Universidade e, assim, de um bom papo matutino.

Não bastasse isso, desfrutei de seu gabinete, com uma janela com vista para a Biblioteca Joanina e um acervo bibliográfico suficiente para todo o período de estudos. Muitos dias deliciei-me com a leitura daquela pequena biblioteca disponível, afinal dispunha daquele ambiente com uma exclusividade de causar inveja – e, claro, causava!!!

Além disso, tive todos os acessos universitários sempre resolvidos pela atenção de Avelãs Nunes que, apesar de suas enormes responsabilidades universitárias, encontrava tempo para dar atenção a mais um brasileiro que por lá aportava. E o via fazendo isso para todos. Atenção e afeto são características que acompanham este intelectual engajado. Não à toa o via sempre buscado por todos aqueles que faziam/fazem de Coimbra sua casa de estudos.

Tive, assim, um período que me fez crescer, intelectual e pessoalmente. Aprendi – espero ter aprendido corretamente – questões acadêmicas, tanto quanto questões de vida. Também, com um professor destes...

De lá para cá agreguei à relação acadêmica algo muito maior: angariei um amigo, aliás, um amigo e uma amiga – D. Maria Helena.

E lá se vão quase duas décadas.

Neste tempo, muitas idas e vindas entre Portugal e Brasil. Encontros e despedidas, estas sempre temporárias.

Agora, ele me honra com esta demanda: escrever o prefácio destes escritos. Li-os com a atenção ainda maior que todos os demais livros de Avelãs Nunes.

A cada "número" – o "texto" é uma sequência de parágrafos numerados – vamos sendo confrontados com a História a não esquecer, como alertado na primeira frase, para que o passado não se repita. Mas, o pior, conforme se vai evoluindo na leitura, percebe-se que a memória requerida parece cada vez mais apagada, estrategicamente. E, Avelãs a traz à tona, para inquietar a todos que, seja pela razão que for, insistem em esquecer ou, interessadamente, a deixam "adormecida em berço esplêndido."

O que me faz lembrar a dúvida posta por Avelãs: serviriam as análises para estas terras também? Sem dúvida. Muitos dizem que somos um País sem memória. Não tenho plena convicção para subscrever tal afirmação. Mas, que temos uma memória, no mínimo, seletiva, com certeza. E, assim, os monstros do passado assombram o presente insistentemente. E, os atos golpistas tentados em janeiro de 2023 deixam à mostra um passado recente.

Portanto, A *Europa otanizada*, para além de mostrar uma história que parece sempre à tona, pronta para se repetir, por lá, instiga a pensar nossa própria história, trazer à tona memórias tentadas soterrar, bem como circunstâncias comuns – somos 'parceiros' dessa *otanização* – de um "fascismo eterno", como diria Umberto Eco.

Entre tantas outras evidências desnudadas por Avelãs Nunes, uma me parece importante destacar, pensando na

preocupação posta pelo autor quanto ao interesse por aqui: "Hoje, os problemas do capitalismo são diferentes dos que impuseram o recurso ao fascismo há quase um século: não existe, com a força de então, a emulação da comunidade socialista e o 'perigo' da expansão do socialismo; o *capitalismo do crime sistémico* quer funcionar à rédea solta (o Estado separado da economia…), certo de que o Estado amigo não falhará em momentos de crise (por isso inventaram o *capitalismo sem risco e sem falências*); os interesses dominantes são hoje os interesses do *grande capital financeiro*, que não tem pátria e não conhece fronteiras, defende o livrecambismo (quando lhe dá jeito…) e o neoliberalismo."

Esta afirmação encontra eco em todos os lugares. A "igreja do neoliberalismo", vendida como resposta única e contraposta ao keynesianismo – afinal, estamos 'condenados' ao "credo liberal", mantendo um "comportamento responsável" ("...que «significa deixar de dispor da sua soberania nacional e limitar-se, durante gerações, a assegurar a sua solvabilidade perante os credores.») – continua a fazer estragos por estas terras, até mesmo para o projeto constitucional inaugurado em 1988, sendo dele contemporâneo, o que parece uma contradição – uma Constituição principiológica de direitos e uma religião econômica assentada na subalternização dos mesmos à pauta de redução do papel do Estado, equilíbrio de contas, etc.

Também, diz Avelãs, acompanhado de "alguns Prémios Nobel: Amartya Sen, Joseph Stiglitz, Paul Krugman", "...as *políticas neoliberais* e o alargamento e o aprofundamento da desigualdade, da pobreza e da exclusão social que delas resulta estão a pôr em causa os fundamentos da democracia. Porque a pobreza não significa apenas baixo nível de

rendimento ou baixo poder de compra, ela priva as pessoas de capacidades básicas essenciais para a preservação e afirmação da sua dignidade, anulando a consciência dos direitos que lhes assistem enquanto seres humanos."

Não é à toa que temos visto o retorno do discurso populista e do saudosismo desmemoriado de regimes ditatoriais (experimentamos isto na história recente brasileira, com as manifestações golpistas que levaram à "intentona bolsonarista" do 8/1/23), o que reforça os argumentos trazidos pelo autor: história, memória e neoliberalismo são temas que não podem faltar para entendermos a sociedade e o mundo contemporâneos.

E um novo ingrediente que não escapa ao olhar atento do professor de Coimbra: "As *notícias falsas* são verdadeiras *armas de guerra*, utilizadas há muito em tempo de guerra e nos palcos de guerra. De há uns anos a esta parte, vêm sendo utilizadas também, em vários países, nas *guerras eleitorais*, um dos palcos da *guerra de classes*. *Profissionais sem escrúpulos* ao serviço de *políticos sem escrúpulos*, manejam-nas com grande competência, desvirtuando a democracia, configurando *novas formas de fascismo encapotado*."

Esta chamada de atenção é fundamental em tempos de inovações tecnológicas e seus usos em contradição com mínimos civilizatórios conquistados (mas não assegurados) a duras penas. O "tecnoneoliberalismo" – composição entre neoliberalismo e tecnologia, onde o discurso "matemático" da eficiência se apresenta como intransponível - parece, cada vez mais, siamês do fascismo, "pela acção de empresas especializadas em *strategic communications*, que 'produzem' e difundem *notícias falsas* (*fake news*, em bom português…), construindo narrativas capazes de minar a própria *liberdade*

de pensamento dos grupos-alvo, moldando as suas atitudes e comportamentos."

Este *spoiler* não pretende estragar a surpresa do leitor. Ao contrário, traz apenas alguns *insights* que Avelãs Nunes nos faz ver, contando a história recente da Europa *otanizada*.

Boa, e necessária, leitura. Ou então: "«poderá afigurar-se mais responsável comportar-se de forma irresponsável. (…) O irracional poderá ser a única coisa racional.»"

Obrigado, Avelãs Nunes, por mais esta "chama à ordem". Abraço fraterno

Jose Luis Bolzan de Morais
Um seu "amigo-discípulo-amigo"
De Vitória, ES, "inverno" de 2024

NOTA PRÉVIA

A Revista *Vértice* começou a publicar-se em Coimbra no início dos anos 1940 e foi, durante o fascismo, uma das vozes dos intelectuais da esquerda marxista portuguesa. Não podendo assumir a sua identidade, dizia-se a *revista do racionalismo moderno*. Integrei a Redacção desta Revista durante alguns anos. O trabalho no colectivo da *Vértice* foi, para mim, uma segunda Universidade.

Sob a responsabilidade da Redacção, publicávamos, a par da Revista, uma Colecção de pequenos livros a que chamámos *Textos Vértice*. O primeiro objectivo dos *Textos Vértice* era o de difundir as nossas ideias junto de um público mais vasto do que o da Revista. Mas, ao mesmo tempo, procurávamos ganhar algum dinheiro com a venda dos livros, para compensar os prejuízos financeiros causados pelos cortes da censura (para conseguir publicar um número da revista, tínhamos de apresentar, já em composição tipográfica, material que daria para três números).

No âmbito das comemorações dos cinquenta anos da *Revolução dos Cravos* (25 de Abril de 1974), escrevi alguns textos para apoiar intervenções que fiz em várias localidades de Portugal.

Enviei dois destes textos para apreciação e eventual publicação na *Vértice*, que, depois do 25 de Abril de1974, teve de 'emigrar' para Lisboa, onde continua a lutar pela vida, sempre com saudades de Coimbra, mas fiel às suas origens.

O Director da *Vértice* é também o Director da Editora Página a Página, a minha editora em Portugal, de há uns anos a esta parte. Foi nesta dupla qualidade que me propôs a publicação daqueles textos num livrinho que inauguraria uma nova série da Colecção de *Textos Vértice*. Reanimar esta Colecção era uma ideia que eu vinha alimentando há anos. Foi, por isso, com uma enorme alegria que aceitei a proposta, honrado por ver um texto meu a assinalar o regresso à luta dos *Textos Vértice*. Reescrevi dois daqueles textos para os reunir num só. O livrinho acaba de ser publicado, sob o título *A Europa Otanizada* (Lisboa, Página a Página, 2024).

Quando revi as primeiras provas do livro que agora veio a público em Portugal, lembrei-me de que, na primeira série da Colecção *Textos Vértice*, saiu, em 1972, um livro meu, *Do capitalismo e do socialismo*, resultante de uma polémica com Ian Tinbergen, recém-galardoado com o Prémio Nobel da Economia. E lembrei-me de que este livrinho foi editado no Brasil (Florianópolis) em 2008, por iniciativa do então responsável pela Fundação Boiteux, Doutor Orides Mezzaroba, e foi reeditado em 2018, graças ao empenho do meu Colega e meu Amigo Doutor José Luís Bolzan de Morais, que fez a apresentação da preciosa edição da Livraria do Advogado Editora (Porto Alegre), valorizada com um Prefácio do Doutor José Paulo Netto.

Liberto das responsabilidades universitárias, venho trabalhando em publicações que me permitam partilhar com

todos os que sabem ler aquilo que tive a oportunidade de aprender nos bancos da Universidade. Nem todos têm esta sorte na vida: deste ponto de vista, sinto-me um privilegiado. Procurando ser solidário com o povo a que pertenço, esforço-me por escrever de modo a que todos entendam o que quero dizer e tento levar até onde posso os meus escritos de universitário-cidadão.

Neste contexto, admiti que seria bom tentar editar no Brasil este novo texto agora publicado na Colecção *Textos Vértice*. E logo concluí que o meu Amigo José Luís Bolzan de Morais era a pessoa certa para tentar levar o projecto a bom porto. Como esperava, dada a sua militância na *luta ideológica* e dada a sua generosidade para comigo, ele acolheu bem o desafio que lhe lancei. É mais uma dívida a acrescer ao rol das muitas em que eu sou devedor e ele é credor. Dívida acrescida ainda pelo facto de ele se ter disponibilizado para escrever o *Prefácio* que acompanha este livrinho. Bem haja, meu Caro Bolzan. Estou certo de que o prestígio do seu nome acrescentará muito o número de leitores.

Recordando, com imensa ternura, os meus tios Joaquim Avelãs e José Ventura Avelãs – que o Brasil recebeu como se fossem seus filhos e que repousam no Rio de Janeiro como bons cariocas – quero oferecer a edição brasileira deste livro à minha prima Ondina Avelãs (brasileira no Brasil e portuguesa em Portugal), que tem sido o elo de ligação entre a família, obrigando o Atlântico a unir-nos em vez de nos separar.

Coimbra, Setembro de 2024

António Avelãs Nunes

INDÍCE

1 19
2 23
3 26
4 29
5 32
6 36
7 39
8 42
9 44
10 45
11 49
12 51
13 53
14 57
15 59
16 61
17 65
18 69
19 74
20 77
21 80
22 82

23 83
24 85
25 89
26 90
27 96
28 99
29 105
30 109
31 111
32 113
33 116
34 118
35 121
36 124
37 128
38 133
39 135
40 138
41 142
42 146
43 149
44 152
45 155
46 157
47 159
48 161
49 169
50 175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 177